

NARRATIVAS LITERÁRIAS: EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE E DA CULTURA

Maria Isabel BRISTOTT
Mestre em Letras – Estudos Literários
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Neste texto, faz-se uma reflexão quanto ao papel das narrativas literárias para a constituição da subjetividade individual e coletiva do sujeito, mediadas pela educação e pela cultura. Para tanto, fundamentam a produção as contribuições de Roland Barthes, Sigmund Freud e Alcione Araújo. Ainda, a obra literária *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, de Daniel Munduruku, dá suporte ao trabalho, o qual consiste no registro de uma ação desencadeada pela Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no projeto “Livro do Mês”, e desenvolvida, pela autora, em sala de aula, com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, de Passo Fundo, no ano de 2006. Assim, apresentam-se algumas crônicas em que os alunos investiram o seu olhar sobre determinados lugares de Passo Fundo, como expressão da subjetividade e da cultura local.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“[...] Criação da subjetividade, de percepção subjetiva, as artes interagem com as demais metáforas – filosofia, antropologia, sociologia etc. – criadas pela sensibilidade e razão humanas para se entender, entender o mundo e se entender no mundo. [...]”.
(ARAÚJO, 2006)

Pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade, velho e novo, passado e presente, presente e futuro são formas de expressar a relação do homem em um determinado tempo e lugar. Do mesmo modo, o homem somente existe ao deixar registrada a sua história, de forma que seus descendentes tenham elementos para, também, se inscrever num determinado tempo e espaço, a fim de que continue a historização da humanidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

É da tradição oral que nascem as inúmeras estruturas narrativas, sejam as orais e escritas, sejam as veiculadas por imagens e gestos. Enfim, o importante é que as narrativas ocupam uma dupla função na expressão da subjetividade e da cultura, pois tanto representam quanto constituem sujeitos com identidade própria. De acordo com Barthes, na obra *Introdução à análise estrutural da narrativa*,

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela música ou pela mistura ordenada de todas as substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, [...] na conversação. [...]. (1973, p. 19)

Hoje, compreende-se, em maior grau, o significado das narrativas para a humanização e constituição da subjetividade do sujeito, especialmente, porque favorecem a recuperação da historicidade das pessoas, da sociedade e do mundo. No texto anteriormente citado, Barthes escreve:

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades: a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas

em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: [...] a narrativa está aí, como a vida. [...]. (1973, p. 19-20)

Alcione Araújo, na entrevista intitulada “A literatura nos faz múltiplos”, concedida a André Azevedo da Fonseca, fala do “poder das narrativas”. Numa síntese registrada em cinco páginas, o entrevistado conduz o leitor a mares literários que, embora bem distantes no tempo e no espaço, corroboram estas reflexões. É em *Ilíada*, de Homero (8 a. C.), que o autor lança o primeiro olhar para sinalizar, na memória do leitor, a contribuição que as narrativas dão a cada pessoa e à coletividade, em determinado tempo e em determinado lugar, sendo repassadas de geração em geração, de modo a obter o *status* de “permanência”. Ele assinala que:

[...] o homem [...] precisa de histórias. As histórias foram e são contadas em muitos lugares e de diversas maneiras, inicialmente pela história oral. Homero, por exemplo, foi um poeta que criou no século 8 a. C., mas a sua obra só foi escrita no século 6 a.C. Portanto, era literatura oral, até então. [...] a autoridade de Homero, na verdade, é uma contribuição, porque na literatura oral você contava a *Ilíada*, por exemplo, e aí as pessoas que ouviam e davam sua contribuição pessoal na hora que contavam pra alguém. E esse processo é cumulativo, cada pessoa tem seus filtros. Duzentos anos depois da morte de Homero, quando a *Ilíada* foi publicada, ela tinha a contribuição de todos os cantadores que a relataram. A obra é atribuída a Homero por generosidade, por reconhecimento tardio. Mas é uma obra de criação coletiva. (FONSECA, 2003, p. 1-2)¹

Alcione Araújo ressalta que, desde a pré-história de cada sujeito, a atenção que é dada às narrativas tem significado vital, pois elas agregam, transformam e constituem a identidade/subjetividade e a cultura:

Hoje, a Psicanálise me dá essa informação de que através das narrativas – de qualquer forma que sejam feitas – eu consigo agregar, à minha vida, vivências que eu não vivi. E aí é como se eu me transformasse em múltiplos, vivendo uma possibilidade que nunca me ocorreria na vida. [...]. Sempre se achou que o homem gostava de ouvir histórias pela mera aventura, pelo encantamento da história em si [...] todas as pessoas procuram as histórias para enriquecer sua experiência de vida e para ver como vive o outro. A história também revela a alteridade – que é como eu encontro o outro em mim, como eu acolho o outro em mim. [...]. (FONSECA, 2003, p. 2)

¹ Disponível em: <<http://www.revelacaoonline.unibe.br/portofolio/alcione1.html>>. Acesso em: 29 set. 2005.

Na obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, Daniel Munduruku, índio da nação Munduruku, contador de histórias, professor e escritor, dedica-se, incessantemente, ao processo de recuperação da história do seu povo e dos povos latinos. É do seu arquivo de memória – formado pelas histórias aprendidas por meio de seus pais e de seu avô Apolinário, registradas na obra *Meu avô Apolinário* – que o autor explica os significados dos nomes indígenas de alguns lugares de São Paulo, tais como Tatuapé, Anhangabaú, Ibirapuera, Jabaquara, Guarapiranga, Butantã, Pirituba, Tietê, Tucuruvi, Guaianases, Guarulhos e Guarani.

Munduruku reflete, ainda, sobre os povos que participaram da construção da cidade de São Paulo, os quais serviram de inspiração para a produção da obra. Em cada crônica, o autor nos presenteia com relatos de sua própria história e da sua cultura.

3 OS CAMINHOS DA REFLEXÃO

Neste ensaio, o olhar de Daniel Munduruku sobre a sua história e sobre os lugares que a representam servirá de farol para iluminar os caminhos desta reflexão. Aqui, as crônicas “Ibirapuera – lugar de árvores” e “Tietê – mãe do rio, região onde o rio alaga fecundando a terra” são representantes do conjunto de textos que compõe a obra. Na sequência, transcreverei fragmentos das duas crônicas mencionadas e, no final de cada uma, farei um breve comentário, para que o leitor percorra comigo o caminho traçado.

Ibirapuera – lugar de árvore

Um dos mais fascinantes lugares de São Paulo é o parque Ibirapuera. Não tanto pela beleza da natureza que o circunda, mas pelo fato de ser um lugar circular, como uma autêntica aldeia indígena.

Não sei se as pessoas que por lá passam já sentiram o mesmo que eu sinto quando ando pelo parque. Muitas vezes me dá uma sensação impressionante de estar revivendo um lugar do passado, e as gentes por quem passo são como os curumins que brincavam no pátio da aldeia.

Até mesmo o lago, meio esquecido por causa da poluição, concentra certa magia, certa energia que distribui entre os transeuntes. O lago simboliza, ali, o velho avô que tudo ouve impassível e paciente, como a esperar que os netos, apressados

pelos relógios e pelos corpos suados, sentem-se para ouvir histórias dos tempos antigos e aprendam com ele a sabedoria das águas.

É por isso que digo que o Ibirapuera é um lugar circular, pois todos os seus cantos lembram nossa transitoriedade, nos ensinando que somos parte integrante do planeta e não seus donos. É o que me dizem as árvores que ali se encontram, que já atravessaram o tempo resistindo bravamente, apesar de já terem presenciado o corte de muitas de suas parentes para dar vez à cidade que cresce ao seu redor. Observando direito, parece que elas formam uma teia que nos une com o infinito, tornando-nos mais importantes do que somos.

Foi buscando resquícios da ancestralidade paulistana que me dirigi mais uma vez ao parque [...].

[...] fiquei imaginando se os prédios que ali foram construídos não eram uma tentativa, ainda que inconsciente, de colocar o quadrado dentro do círculo, tornando-o um lugar habitável para o espírito dos antepassados e ideal para o descanso do espírito do homem moderno.

Pensando assim me peguei sorrindo, pois tinha encontrado um ponto de equilíbrio entre o passado e o presente. Senti apenas uma diferença: é mais fácil conversar com os espíritos da natureza do que entender o espírito do homem moderno, pois este prefere correr contra o tempo em vez de se aliar a ele. [...]. (MUNDURUKU, 2004, p. 22-25)

Nesta crônica, o autor descreve o lugar, ao mesmo tempo em que assinala, em primeira pessoa, o olhar dirigido aos elementos da cultura indígena que nele estão inscritos. Expressa, na linguagem objetiva e crítica, a sua observação poética, porém, acima de tudo, inquiridora, pois nos arremessa para o compromisso de continuarmos a nossa história, conhecendo, com mais propriedade, os elementos culturais que nos constituem. Logo, percebemos que a intenção de Munduruku, também, é a de informar ao leitor a grande participação do povo indígena no processo cultural do mundo moderno e que vem sendo negada² pela maioria, apesar do avanço do conhecimento. No fragmento do texto “Ibirapuera – lugar de árvores”, podemos imergir e ouvir a voz do povo indígena através do autor, que provoca, cutuca, para que emerja, das profundezas da nossa mente, o que temos marcado na ordem do originário, a parcela indígena.

Na crônica “Tietê – mãe do rio, região onde o rio alaga fecundando a terra”, Daniel Munduruku informa ao leitor a importância da água – rios, lagos ou igarapés – para o povo indígena:

Tietê – mãe do rio, região onde o rio alaga fecundando a terra

² Negação – Processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1991)

As aldeias indígenas estão sempre bem próximas de rios, lagos, igarapés. Mas não são todos os grupos que se utilizam deles como seu principal fornecedor de matéria-prima ou de alimentação primária de seu cotidiano. Os povos são diferentes entre si e constroem sua visão de mundo baseando-se em suas crenças e origens.

Não é à toa que esse povo viva hoje em função do rio e suas casas sejam sempre construídas voltadas para a nascente. São exímios pescadores e canoeiros, e dos rios tiram a esperança e a crença no retorno de seu Criador. Também não é de se estranhar que eles sejam tão radicalmente contra a construção de hidrelétricas e hidrovias nos rios que banham suas aldeias! Sentem como se os engenheiros estivessem rasgando o coração dos deuses criadores!

Meu povo, os Munduruku, vive às margens do grande rio Tapajós e de seus afluentes. Embora sejamos nascidos no fundo da terra – conforme narra nosso mito ancestral – fizemos do velho rio um aliado na manutenção da nossa existência, dele tirando parte de nosso alimento. Além disso, ele se tornou nosso velho e sábio avô, o patriarca que nos ensina a ter paciência e a esperar.

Desde criança aprendemos isso, e levamos este ensinamento para os lugares onde passamos, na esperança de fazer as pessoas olharem para nossa Mãe Terra com um pouco mais de consciência e comiseração.

Quando adultos, levamos conosco a certeza do pertencimento e da não posse.

Acreditamos que somos um com o planeta e não os seus donos.

Um com a floresta e não os proprietários.

Um com o universo, seus admiradores, e não os seus dominadores.

Um com as pessoas e não os seus senhores.

Um com a vida e não os seus algozes.

É dessa maneira que caminhamos pela terra: como observadores da sua beleza e de sua magia.

Seguimos o fluxo da natureza e, a partir de sua observação, procuramos criar formas de ajudá-la na sua tarefa de embelezar o planeta. (MUNDURUKU, 2004, p. 44-47)

No texto acima, o autor nos fala das semelhanças e das diferenças entre as aldeias. Diante das peculiaridades de cada uma, elas têm nos rios, lagos ou igarapés aliados à sua existência “[...] e constroem sua visão de mundo baseando-se em suas crenças e origens”. Retomemos o que diz Daniel Munduruku, ao referir-se ao seu povo:

[...] Meu povo, os Munduruku, vive às margens do grande rio Tapajós e de seus afluentes. Embora sejamos nascidos no fundo da terra – conforme narra nosso mito ancestral – fizemos do velho rio um aliado na manutenção de nossa existência, dele tirando parte de nosso alimento. Além disso, ele se tornou nosso velho e sábio avô, o patriarca que nos ensina a ter paciência e esperar.

Desde criança aprendemos isso, e levamos este ensinamento para os lugares onde passamos, na esperança de fazer as pessoas olharem para nossa Mãe Terra com um pouco mais de consciência e comiseração. [...]. (2004, p. 46)

Os elementos simbólicos que encontramos na cultura indígena mostram a intensidade do olhar recebido desde criança e que é passado para as gerações sucessivas.

Ao ler essa crônica e o significado do rio para o povo Munduruku, logo me remeto ao estudo de Freud relativo ao sistema do *totemismo* entre os aborígenes australianos, no qual ele assim afirma: “Entre os australianos, o lugar das instituições religiosas e sociais que eles não têm é ocupado pelo ‘totemismo’. As australianas subdividem-se em grupos menores, ou clãs, cada uma das quais é denominada segundo o seu totem”. (1974a, p. 21)

Freud conceitua *totem* do seguinte modo: “Via de regra, é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. [...]” (1974a, p. 21). E segue sua elaboração, complementando:

Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum ao clã; ao mesmo tempo é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. (1974a, p. 21)

Somam-se a tais esclarecimentos outras contribuições de Freud apresentadas em seus quatro ensaios de *Totem e tabu*, produzidos nos anos de 1912 e 1913. Salientamos que pode ser encontrado, na nota do editor inglês e no prefácio à primeira edição, o registro do gosto de Freud pelos estudos atinentes ao desenvolvimento da civilização. Segundo ele próprio, tais estudos “representam uma primeira tentativa de aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a alguns problemas não solucionados da psicologia social. [...]”. Além disso, “[...] procuram diminuir a distância existente entre os estudiosos de assuntos como a antropologia social, a filologia e o folclore, por um lado, e os psicanalistas, por outro” (1974a, p. 19). Não me parece que, hoje, a busca seja outra, quando o assunto é estrutura social.

Encontramos muitos psicanalistas e estudiosos da psicanálise diminuindo a distância entre a antropologia social, a filologia, o folclore, a literatura e a educação. Exemplo disso é a intenção deste ensaio, em que busco, pelo ato educativo oriundo de um programa curricular de Literatura do Ensino Médio de uma escola pública de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul,

ampliar a visão dos alunos em relação à sua inserção no mundo pessoal, coletivo e histórico-cultural.

Freud, em *O futuro de uma ilusão*, escrito em 1927 e acrescentado no “Pós-Escrito”, em 1935, no seu *Estudo autobiográfico*, dá continuidade aos esboços iniciados em *Totem e tabu* – conforme nota do editor inglês –, referindo o seu interesse pelos problemas culturais, que o fascinavam desde a juventude. Diz ele que foi com *O futuro de uma ilusão* “[...] que ingressou na série de estudos que vieram a constituir seu interesse principal pelo resto da vida. [...]” (1974b, p. 13). Nesse texto, Freud aborda as questões pertinentes à civilização humana e argumenta sobre o significado que esta abarca em sua obra:

A civilização [...] tem de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza. As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas para a sua aniquilação. Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram. [...]. (1974b, p. 16-17)

Dissertando sobre as questões relativas à civilização humana e à coerção como mecanismo psicológico decisivo para o seu desenvolvimento, Freud observa que:

[...] a princípio, poderíamos pensar que sua essência reside no controle da natureza para o fim de adquirir riqueza, e que os perigos poderiam ser eliminados por meio de uma distribuição apropriada dessa riqueza entre os homens, parece agora que a ênfase [se] deslocou do material para o mental. [...]. Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e suportar as renúncias de que a existência depende. [...]. Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitude diferente para com ela. Senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e à satisfação instintual que forem necessários para sua preservação. [...]. (1974b, p. 18)

Com a obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, Daniel Munduruku participou do programa “Livro do Mês”, do projeto “Jornada Literária em Ação”, ocorrido em parceria com a 20ª Feira do Livro, no mês de novembro de 2006, em Passo Fundo. Todos sabem que, quando se fala em movimento

literário no país, a *Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo* com facilidade é lembrada. Penso que muitos resultados podemos encontrar dentro de nós que vivemos aqui em Passo Fundo e na região. Somando-se a tais resultados, apresento três crônicas – “O parque da Gare”³, “O rio Passo Fundo”⁴ e “Avenida Brasil”⁵ –, de autoria de meus alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, os quais têm em média 16 anos.

Buscando inspiração na obra de Munduruku, produziram os seus textos, de modo a investir o seu olhar sobre os lugares de Passo Fundo que nos (ou que os) representam:

O parque da Gare

Parque da Gare tem uma área com aproximadamente quatro hectares. Ele é arborizado e tem uma completa estrutura de lazer. É neste local que se realiza o Festival Internacional de Folclore, numa lona de circo, e diversos eventos sociais e esportivos. A Gare tem canchas para a prática de vôlei de areia, uma pista de skate e quadra de futebol.

Quando a antiga estação férrea deslocou-se do centro da cidade, abriu-se uma avenida para a criação do parque – a Avenida Sete de Setembro. Agora, é do mirante da Gare que se vislumbra o mais belo pôr-do-sol de Passo Fundo. Talvez, muitos não saibam, pois com o ritmo treloucado do dia a dia, esses lugares passam despercebidos. Nós gostamos de ir lá.

São os lugares como o parque da Parque da Gare que tornam a inclusão social possível. Nele, os amigos se encontram, as crianças andam de bicicleta, os namorados namoram. Enfim, ele representa um espaço de lazer e socialização...

Porém, encontramos, também, um triste retrato da sociedade atual: as pichações, os assaltos, a violência contrastam com a beleza, a alegria e a poesia que se instala durante os eventos culturais.

Isso nos faz refletir quanto aos cuidados que temos para com o que é nosso, com o que nos pertence. Por isso, de certa forma, é deprimente ver um lugar destinado ao lazer e à cultura ser tão mal cuidado. Só que quem faz o lugar são os frequentadores.

Perguntamo-nos, então: parece que as gerações anteriores cuidavam melhor deste lugar?

O rio Passo Fundo

O rio Passo Fundo recebeu esse nome por volta de 1827, o qual lhe foi dado pelos comerciantes paulistas, por terem dificuldade de cruzar o rio com seus cavalos, devido à sua profundidade. No entanto, o rio e sua profundidade não eram os únicos problemas que os comerciantes e tropeiros paulistas costumavam encontrar quando passavam pela região; tinham que ter cuidado com os índios

³ Caroline e Ethiane. Alunas da turma 104/2006 do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, de Passo Fundo/RS.

⁴ William R. de Souza. Aluno da turma 102/2006 do Colégio Estadual Joaquim dos Reis, de Passo Fundo/RS.

⁵ Felipe Borowski. Aluno da turma 106/2006 do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, de Passo Fundo/RS.

Caingangues, que viviam naquelas proximidades, pois estes tinham fama de serem guerreiros e ferozes.

Porém, aos poucos, o rio Passo Fundo tornou-se um posto de parada para os tropeiros paulistas. Eles paravam ali para tomar banho e dar água aos cavalos. Dessa forma, não demorou muito para os comerciantes e os índios criarem laços de amizade. Isso fez com que um ilustre paulista viesse morar aqui, ele era o cabo da milícia estadual paulista Manoel José das Neves, que ficou conhecido como Cabo Neves. Em 1934, chega outro importante morador, o capitão Joaquim Fagundes dos Reis que, por muitos, é considerado o fundador da cidade de Passo Fundo, mas ele foi o segundo morador do passo.

Sim. É verdade que nossa cidade existe graças ao rio Passo Fundo. Entretanto, hoje, os cidadãos passo-fundenses parecem que não compreendem a importância do rio, desprezam, poluindo-o sem escrúpulos. O rio que outrora servia de posto de parada aos comerciantes paulistas, onde podiam tomar banho, e os índios extraíam os alimentos, saciavam a sede e a fome, além de que usavam a água para irrigar suas plantações, está num estado de calamidade, não há mais peixe, não se pode tomar banho,... só se vê sacos de lixo, animais mortos, garrafas plásticas, dejetos, restos de alimentos, lixo, lixo e mais lixo...

A questão é: se continuarmos nesse caminho, em breve, não poderemos mais contar com o nosso rio, afinal, ele está “morrendo”. É preciso medidas urgentes para frear a poluição. No entanto, diferentemente do que muitos pensam, o caminho é a educação. As pessoas que poluem o rio precisam ser reeducadas para que troquem a cultura do depredar pela do preservar.

Avenida Brasil

Avenida Brasil – a mais longa e movimentada via urbana de Passo Fundo. Ela possui 8 km de extensão e liga o Bairro Boqueirão ao trevo da UPF (saída para Lagoa Vermelha – BR 285). Na história da cidade, vamos ver que a Avenida Brasil já se chamou Rua do Comércio, isto no século XIX, porque era nela que se localizava o comércio de Passo Fundo, que era uma vila.

Com o passar dos anos, a Rua do Comércio, onde ocorriam as principais atividades, especialmente envolvendo os tropeiros, passou a ser chamada Rua das Tropas, uma vez que era a via de passagem deles (tropeiros). Depois, a Rua das Tropas tornou-se a Avenida Brasil, nome que homenageia o nosso país.

A Avenida Brasil faz parte da história da cidade e de muita gente – por exemplo, eu. Ela é a maior avenida que percorri em toda a minha vida; é onde conheci muitas meninas – a Suélen, a Aline, a Pâmela, entre outras; é onde diariamente percorro uns 3300m – esta é a distância de casa até o Colégio Fagundes, ocupo uma hora para fazer o trajeto; é onde “rola” todo o amor da minha vida de adolescente – encontro com os amigos e lindas garotas aos domingos à tardinha...

Daí, geralmente, ocorre uma paixão no meu coração

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, leitura, literatura, história e subjetividade integram o propósito das narrativas: a formação do sujeito e do sujeito leitor, inserido num tempo e num espaço mediados pela educação e pela cultura.

As crônicas dos alunos-autores são uma amostra de como o olhar de Daniel Munduruku sobre São Paulo serve de inspiração para investirmos o nosso olhar sobre nós mesmos, tendo como referência a história de alguns

lugares que constituem a nossa história, a história de Passo Fundo. Nesse sentido, entendemos que as narrativas, como recurso de desenvolvimento e expressão da trajetória humana, manifestadas pelos diversos olhares, num determinado tempo e lugar, promovem a construção subjetiva, para “se entender, entender o mundo e se entender no mundo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. Esquizofrenia na educação e cultura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2006. Opinião.

BARTHES, R. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

FONSECA, André Azevedo da. A literatura nos faz múltiplos [entrevista]. Disponível em: <<http://www.revelacaoonline.unibe.br/portofolio/alcionel.html>>. Acesso em: 25 set. 2005.

FREUD, S. *Totem e tabu*. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas Rio de Janeiro: Imago, 1974a.

_____. *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas Rio de Janeiro: Imago, 1974b.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MUNDURUKU, D. *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. São Paulo: Callis, 2004.